**Os zig zags da tragédia grega**

Tenho tido por hábito, nesta minha crónica mensal, privilegiar o tema mais importante do mês para tecer o meu comentário. No tempo presente, não teria dúvidas em seleccionar a problemática da situação grega como uma das mais graves na história recente da Grécia e da União Europeia, bem como o tema que destacadamente dominou a comunicação social ao longo do último mês e um dos mais controversos no qual as posições divergentes se têm vindo a radicalizar.

E todavia hesito… É que, quando este jornal vos chegar às mãos, ninguém, mas mesmo ninguém sabe qual será a situação da Grécia. Entretanto, novos factos surgirão, novas consequências se desencadearão, o puzzle complicar-se-á ainda mais…, e os comentários perderão muito provavelmente oportunidade e pertinência.

Arrisco, não obstante, em persistir no assunto evitando comentar perspectivas que poderão ser subitamente ultrapassadas por factos e circunstâncias e optando pela inalienável realidade da incerteza, dos avanços e dos recuos, do drama de um povo…

Começaria precisamente por sublinhar este último aspecto porque, lamentavelmente, não se vai alterar, quanto muito continuará a agravar-se tal como vem acontecendo desde que as negociações passaram a ser lideradas pelo Syriza. Se a situação já então era grave só tem piorado; e se ainda há quem viva sob o encanto de uma campanha eleitoral demagógica e populista e resista a enfrentar a realidade, iludindo-se com a possibilidade de evitar a austeridade, rapidamente perceberá nos próximos dias que pior, muito pior, do que o Syriza prometeu eliminar, se vai abater sobre os gregos: ou porque a Grécia abandona o euro e até, eventualmente, a União Europeia, ficando entregue a si mesma e às suas dívidas, ou porque vai aceitar as exigências da troika que cada vez têm de ser mais rigorosas porque vão procurar recuperar de um patamar cada vez mais baixo.

E enquanto a tragédia de um povo enganado se desenrola, prossegue a total ausência de estratégia política de aparentemente impreparados amadores, agora responsáveis pelo destino dos gregos mas também de muitos outros europeus. Apresentaram-se altivos, recorreram a ameaças, desenvolveram discursos paralelos contraditórios, negaram o que afirmaram…No dia em que escrevo esta crónica, o Primeiro-Ministro Tsipras aceita o acordo que recusou há dias quando anunciou o referendo por não querer violar as promessas eleitorais, aconselhando o voto no “não”; simultaneamente recua no referendo e pede um terceiro regaste que prometeu que jamais pediria… Perceberam?! Nem os negociadores… Este é apenas um exemplo do zig zag desnorteado do governo grego.

Entre nós, quase toda a reflexão sobre a situação grega está ideologicamente rotulada impossibilitando uma análise objectiva que se impunha: a direita quer mais responsabilidade da Grécia, a esquerda quer mais solidariedade para a Grécia. Mas lembrem-se, por exemplo, que o nosso salário mínimo roça os 500€ e o dos gregos é de 750€, que a nossa idade de reforma já vai nos 67 anos e a dos gregos não chega aos 60… E, apesar disto, também os portugueses emprestaram dinheiro à Grécia, dinheiro obtido com o nosso cumprimento da austeridade que a Grécia não quer cumprir.

Para além dos argumentos, a tragédia grega adensa-se….

M. Patrão Neves

[www.mpatraoneves.pt](http://www.mpatraoneves.pt)